

## EDITORIAL

É com satisfação que oferecemos ao público em geral o número inaugural da **Revista GeoSertões**. Ele surge da vontade da Unidade Acadêmica de Geografia (Unageo), Centro de Formação de Professores (CFP), Campus Cajazeiras, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em oportunizar mais uma maneira de disponibilizar livremente a produção de conhecimentos sobre a Ciência Geográfica e áreas afins.

O curso de Geografia do Centro de Formação de Professores (CFP) foi criado em 1978, quando tornou-se parte da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), posteriormente desmembrado para fazer parte da UFCG. Portanto é um curso com considerável tempo, já tendo formado gerações de profissionais da Geografia, o que o dota de maturidade mais que suficiente para assumir com competência o periódico semestral **GeoSertões**.

Quiçá seja necessário esclarecer a denominação da Revista. A nomenclatura **GeoSertões** pode gerar controvérsias ao se pensar que seu conteúdo é restrito a trabalhos que tenham como objeto de estudo apenas a temática “Sertão”, o que não é o caso. O nome da Revista refere-se à junção da palavra Geografia com a de Sertão. Por obviedade, o “geo” de Geografia dispensa explicações. Porém, vale esclarecer que a palavra Sertão aqui empregada é apenas uma referência geográfica ao local onde está o campus de Cajazeiras da UFCG (segundo divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cidade de Cajazeiras faz parte da Mesorregião do Sertão paraibano). Adotamos a palavra no plural como alusão a variedade de significados que a mesma permite, visando com isso transpor para a política editorial da **GeoSertões** o aceite a pluralidade teórica e de método e o respeito a diversidade de ideias. Isso significa dizer que aceitamos contribuições que tenham como objeto de reflexão ou pesquisas empíricas de qualquer lugar do Planeta, seja o litoral ou seja o “Sertão”, a grande

metrópole litorânea ou a pequena cidade interiorana, os campos úmidos ou os campos “secos” do semiárido; seja ainda o domínio equatorial amazônico ou as monções asiáticas. Enfim, estamos abertos a publicar contribuições sem qualquer restrição geográfica.

Na presente Edição inaugural, contamos com prestigiosas colaborações de autores que solidariamente ofereceram suas contribuições para nosso projeto se tornar realidade. Os diferentes artigos deste número, com perspectivas teóricas e metodológicas variadas, são uma amostra da pluralidade que dever ser o norte perseguido pela **Revista GeoSertões**.

O primeiro artigo da **GeoSertões** é uma contribuição de Caio Augusto Amorim Maciel, intitulado de *“Cultura e política em diálogo na Geografia Humana: comentário sobre as possibilidades de se pensar os espaços da interculturalidade”*. No artigo o autor explora as possibilidades de diálogo entre cultura e política, baseado principalmente em autores como Iná Elias de Castro e Jean Gottman. Caio Maciel aposta na contribuição dos estudos interculturais como possibilidades de melhor entender a Geografia Política e a organização do espaço, o que seria mais que coerente diante do mundo globalizado.

Gleydson Pinheiro Albano oferece-nos um estudo sobre as *“Multinacionais e neocolonialismo: a atuação da United Fruit Company na América Latina no século XX”*. O autor traz a lume como a multinacional *United Fruit Company* conseguiu impor suas vontades sobre os Estados latino-americanos durante o século XX, destacando os resultados de uma agressiva interferência externa nas relações de trabalho e no mercado de terras nos países de atuação. É dado maior enfoque sobre alguns pequenos países da América Central, a exemplo de Honduras e Costa Rica, e outros de médio porte da América do Sul como Equador e Colômbia.

No artigo *“Modernizações, o período da globalização e algumas de suas feições geográficas do meio técnico-científico-informacional”* a preocupação de Santiago Vasconcelos, ainda que de maneira preliminar, é compreender as modernizações do período da globalização e algumas de suas feições geográficas, chamando atenção para o fato da necessidade de entender as modernizações territoriais próprias do tempo-presente, este caracterizado pelo meio técnico-científico-informacional enquanto expressão geográfica da globalização.

Paulo Sérgio Cunha Farias, com base em suas experiências de ensino, pesquisa e extensão com foco na formação de professores para ensinar Geografia na Educação Básica, principalmente na fase de Fundamental I, oferece-nos suas reflexões sobre *“Os limites e as possibilidades do ensino da cartografia escolar nas primeiras séries do ensino fundamental”*, enfatizando que as representações cartográficas são de fundamental importância para a

construção do raciocínio sobre o espaço geográfico. O autor destaca ainda os limites do ensino da Cartografia Escolar, mas também aponta possibilidades de organizá-lo e realizá-lo, de forma que seja possível alcançar o objetivo almejado.

No artigo “*A importância da área central e suas contribuições para a compreensão e análise da cidade: em discussão o processo de segregação socioespacial*”, de João Manoel de Vasconcelos Filho, a discussão gira em torno da área central como possibilidade de ser um instrumento teórico-metodológico relevante na construção de reflexões, olhares e leituras sobre a cidade. Nas reflexões do autor, ele encaminha suas conclusões afirmando que a elite dominante na cidade conduz, via direcionamento de políticas públicas, a produção e reprodução do espaço urbano, bem como cria seus próprios centros de negócios e serviços.

Maria Soares Cunha, Tiago Eurico Sousa Dias Lisboa, Rafael França da Silva lançam suas preocupações “*Examinando questões do livro didático e da prática docente na Geografia Escolar do Ensino Médio*”, tendo o cuidado de realizar uma pesquisa empírica na cidade de Juazeiro do Norte – CE. No estudo os autores concluem ser necessário uma maior interligação dos assuntos nas obras estudadas, uma vez que os temas aparecem de forma fragmentada ao longo dos livros. Recomendam que os estudos dos conteúdos sejam associados a atividades de pesquisas capazes de gerar discussão sobre o contexto social vivido por docentes e estudantes. Além do mais, defendem uma maior aproximação dos docentes com o mundo acadêmico, já que este pode contribuir com a avaliação e uso crítico do livro didático.

Fechando a presente edição, em “*Meio ambiente na contemporaneidade: significados e sentidos*”, Maria do Socorro Pereira de Almeida e Sérgio Luiz Malta de Azevedo debatem, num primeiro momento, sobre conceitos ligados à ideia de Natureza, Ecologia e Meio ambiente e como estes aparecem com sentidos e significados relacionados à questão ambiental. Num segundo momento é pensado a respeito do sentido político sobre a educação e da atuação da mídia no trato da temática da natureza.

Finalizando, vale reforçar que a linha editorial seguida pela **GeoSertões** prima pela pluralidade das múltiplas “Geografias”, sem puritanismo ideológico, prezando pelo respeito a liberdade de pensar e fazer Ciência, contudo exigindo responsabilidade e rigor.

Com esforços e novas aprendizagens, estamos concretizando nosso projeto. Agora, daqui para frente, conclamamos toda à comunidade acadêmica para ler, debater, colaborar e divulgar a **Revista GeoSertões**.

Santiago Andrade Vasconcelos  
Editor-Gerente da Revista GeoSertões

Cajazeiras – PB, primeiro semestre de 2016.